



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPEs – LATINDEX  
Nº. 06 – Ano III – 10/2014  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **Estratégias Tradutológicas para Tradução de Alusões: exemplos de aplicabilidade**

Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iliane Tecchio

Doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal  
de Santa Catarina - UFSC - Brasil

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - Brasil

<http://lattes.cnpq.br/8107808302449279>

E-mail: [iliane.tecchio@ifac.edu.br](mailto:iliane.tecchio@ifac.edu.br)

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo sobre estratégias tradutológicas para tradução de alusões. Primeiramente, aborda-se a temática da intertextualidade e da alusão como referente intertextual. No seguimento, apresenta-se as estratégias tradutológicas para tradução de alusões sugeridas por Ritva Leppihalme (1997) as quais exemplifica-se a aplicabilidade na tradução de alusões religiosas selecionadas da obra *Drácula* (1897) do escritor irlandês Bram Stoker. O estudo mostrou que, tanto para o tradutor iniciante quanto para o experiente, o conhecimento teórico sobre a tradutologia pode auxiliar na transposição de determinados elementos intertextuais, colaborando, assim, para evitar um impacto cultural e, por extensão, auxiliar o leitor na compreensão mais profunda da obra.

**Palavras-chave:** Tradução. Alusões. Estratégias tradutológicas.

## Introdução

A tradução, tradicionalmente pensada como o ato de transposição linguística de uma língua para outra, que em princípio pode parecer uma tarefa fácil, automática, e que basta termos um bom conhecimento lexical da língua de saída e de chegada para que o transporte linguístico se efetive, esbarra com entraves não apenas de questões lexicais, mas, vai muito além disso. Os aspectos culturais, principalmente, de obras publicadas em séculos anteriores e de ambientes longínquos para onde esta determinada obra está sendo traduzida, pode dificultar e deixar dúvidas em como traduzir determinadas passagens do texto. E quando estas passagens apresentam elementos intertextuais a dificuldade ainda é maior.

Intertextualidade, termo introduzido na década de 1960 por Julia Kristeva que, em uma perspectiva semiótica, considera o texto como “absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA, 1978, p.72), nos remete a ideia de que os textos interagem uns com os outros, que não são únicos, objetos isolados, mas são realmente constituídos de inúmeros outros textos. Este tratamento teórico de textos traz implicações não apenas no que concerne a leitura e interpretação, mas também no ofício de traduzir. De acordo com Niknasab (2011), um texto literário pode estar situado em uma rede de relações intertextuais. Estas relações podem confrontar o tradutor com problemas como, por exemplo, em reescrever o texto em outro idioma e para outra cultura.

Uma vez que a intertextualidade faz-se operadora de leitura, o conhecimento cultural, enciclopédico, as leituras, as vivências do leitor/tradutor<sup>1</sup> são marcantes para a compreensão dos intertextos e a função dos mesmos quando inseridos em uma determinada obra. Associada a essa compreensão, que pode ser dita como a primeira etapa da tarefa de traduzir, segue a transposição linguística. Nesta fase, que gerará o produto final, podem surgir dúvidas, questionamentos quanto ao **como traduzir** determinados referentes para que estes não causem um estranhamento ao leitor da obra de chegada, levando a um impacto cultural e até gerar uma compreensão parcial da obra, e, ademais, como afirma Levý:

---

<sup>1</sup> Adota-se a expressão leitor/tradutor por considerar que o tradutor é antes de tudo um leitor e, portanto, o produto do seu trabalho tem dependência com a sua compreensão leitora.

A tarefa da tradução consiste não em reproduzir ou transformar os elementos e as estruturas do original, mas em compreender as funções dos elementos e em introduzir esses elementos e estruturas na língua de chegada e assim, tanto quanto possível, ser estas substituições e equivalentes funcionais e eficientes. (LEVÝ, 2011, p.11)

Neste viés, os referentes intertextuais apresentados como: citações, paráfrases, epígrafes, parábolas, ditados populares, alusões, entre outros, e também nomes próprios como de personagens mitológicas, literárias, históricas, religiosas, devem receber do tradutor uma atenção e um tratamento especiais, no sentido de, primeiramente, compreender a função daquele elemento no conjunto da obra e, em seguida, de como realizar a transposição linguística para que aquele elemento lexical reflita no texto traduzido o sentido semântico refletido no texto fonte, pois, como escreve Ronai (1981, p. 50): “Uma das mais importantes razões de ser da tradução: permitir as pessoas formular ideia sobre a maneira de viver e de sentir das que vivem noutras partes do mundo”.

No ofício de traduzir, além do conjunto de conhecimentos lexicais e culturais, o tradutor pode se amparar em teorias tradutológicas que o auxiliem na transposição de referentes intertextuais, como as alusões – objeto deste estudo. Entre as pesquisas voltadas para a tradução de elementos que podem ser nomeados como culturais, os *Estudos Culturais e Tradução*, principalmente de Susan Bassnett (2003), Berman (2007), Ruokonem (2011), destacam-se as da professora da universidade de Helsing e também tradutora: Ritva Leppihalme.

No seu livro *Culture Bumps: an empirical approach to the Translation of Allusions* (1997), Leppihalme sugere algumas estratégias para tradução de alusões. As estratégias propostas pela pesquisadora foram aplicadas na tradução de alusões bíblicas selecionadas da obra *Drácula* (1897) de Bram Stoker que mostramos neste estudo. Para as reflexões sobre as possíveis estratégias que o tradutor tenha utilizado para a transposição dos elementos alusivos, foi necessário um estudo bibliográfico aprofundado sobre alusões e das estratégias que podem ser utilizadas na tradução desses elementos.

Assim, este artigo, de maneira resumida, traz alguns estudos sobre alusões e tradução, as estratégias para tradução de alusões da pesquisadora Ritva Leppihalme, e, por fim, dois exemplos de uso das estratégias.

## 1. Alusões e Tradução de Alusões

De acordo com Ruokonen (2010, p. 32), “alusão pode ser definida como uma referência implícita que lembra um referente externo assumido como compartilhamento de conhecimentos”, o que permite dizer que quando lemos uma determinada obra, algum referente presente nessa obra pode aludir a outras anteriormente conhecidas, possibilitando ao leitor ativar conhecimentos prévios, sejam eles de natureza ficcional ou real.

Pode-se dizer a alusão desempenha um papel importante no sentido de ser uma técnica utilizada pelo escritor para persuadir seus leitores a aceitar o texto não apenas como uma ficção, mas correlacionado com a realidade, especialmente quando o escritor cita partes de textos religiosos ou obras literárias famosas. (Niknasab, 2011, p.47).

Vejamos um exemplo retirado da obra *Drácula* de Bram Stoker (1897) na edição em língua portuguesa de 2007. Na página 200 até 207, capítulo XI, é narrado o acontecimento da fuga do zoológico de um lobo apelidado de Bersieker: “Tratava-se de um belo exemplar, muito bem comportado e que jamais nos trouxe qualquer problema” (STOKER, 2007, p. 202). O lobo que sempre apresentou bom comportamento, estranhamente começou a uivar e ganir, quebrando as grades da jaula e fugindo. Após um dia de seu desaparecimento, o lobo retorna para o zoológico com comportamento “como se fosse o próprio genitor de todos os mais lindos lobos das nossas gravuras... o outrora mais tradicional amigo de nosso bravo “Hood, o Cavaleiro Vermelho”, aos conduzir seus fiéis escudeiros mascarados” (STOKER, 2007, p. 206).

O questionamento pode ser assim conduzido: Qual a função da alusão: Hood, o Cavaleiro Vermelho? Qual referente histórico, literário, mitológico ou religioso está relacionado a esta citação? Será esta alusão facilmente identificável para o leitor brasileiro? A palavra *Hood*, faz parte do léxico da língua inglesa e que o tradutor manteve no texto alvo sem tradução, tem o significado, entre outros, de capuz. Hood pode lembrar o personagem Robin Hood, um herói mítico inglês que teria vivido no século XIII e famoso por suas façanhas de roubar dos ricos e dar aos pobres, ou quem sabe relembrar o clássico da literatura universal de Charles Perrault publicada pela primeira vez em 1967: “*Little Red Riding Hood*”, traduzida como “O Chapeuzinho Vermelho”. Pode lembrar, ainda, o personagem chamado de Capuz

Vermelho do filme “Batman: contra o Capuz Vermelho” (Batman: Under the Red Hood), lançado em 2011, ou o filme A garota da Capa Vermelha (Red Riding Hood), lançado também em 2011. Quem sabe algum leitor poderá identificar a alusão como sendo uma referência a um dos quatro Cavaleiros do Apocalipse?

O exemplo acima permite inferir que a identificação e, por conseguinte, a interpretação de uma alusão acontece mais especificamente quando esta é culturalmente familiar ao leitor. O componente alusivo pode ser derivado da história, da literatura, da arte (música, escultura, pintura, cinema), de preceitos religiosos, de expressões idiomáticas, entre outros. De acordo com Ruokonen (2010) se o leitor tiver um conhecimento enciclopédico diferente do escritor e também se o contexto cultural for outro, pode ser que encontre dificuldades em reconhecer as alusões presentes na obra, podendo resultar em um impacto cultural.

As colocações de Ruokonen levam a inferir que leitores de um texto traduzido, de uma cultura diferente, poderão ter dificuldade em reconhecer nomes ou frases citadas no texto fonte e fazer a necessária conexão, a fim de entender o sentido das passagens em que as alusões ocorrem. Nomes e frases alusivas têm conotações percebidas pelos membros da cultura de origem, do texto fonte, mas que podem não serem identificadas por leitores do texto de chegada. Portanto, quando se quer reconhecer e traduzir algo enraizado fortemente na cultura de outra nação é necessário ter um conhecimento além do que está explícito no texto. De fato, a compreensão de uma alusão é barrada pela cultura, ao menos que os receptores reconheçam esta barreira para que esta seja transposta.

Sendo as alusões distinguidas por partilharem conhecimentos familiares, parcialmente familiares, ou ainda conhecimentos não partilhados, existe a possibilidade de negociação do significado; uma forma de diálogo entre o texto aludido e o seu referente, com possibilidades de diferentes interpretações por parte do tradutor e o receptor desse texto: o leitor. Pode ocorrer que o leitor, estando em um contexto diferente do da obra fonte, não chegue a deduzir o significado mais profundo da alusão ou realize uma pseudo-interpretação. Caracteriza-se, assim, o problema do tradutor e a busca por estratégias para solucioná-lo, a fim de que o texto se torne interpretável pelo leitor, e o tradutor não corra o risco de produzir passagens incompreensíveis. De acordo com Levý (2011), alusões são familiares no tempo e no ambiente da origem da obra fonte, mas podem não ser familiares na

cultura de chegada quando da tradução desta obra, e, assim, as alusões caracterizarem um problema para o tradutor.

Para Leppihalme (1997, p. 20) no processo de tradução, o tradutor desempenha funções de receptor e de intérprete do texto fonte e produtor do texto alvo. Para realizar estas funções, o tradutor precisa dominar uma série de habilidades, entre elas: competência linguística, conhecimento extralinguístico e conhecimento da cultura do idioma de origem. Em se tratando de traduções de alusões, o tradutor precisa ser sensível ao que está implícito nos elementos socioculturais e intertextuais do texto fonte. Importante citar que para a pesquisadora, o tradutor deve estabelecer quais questões/ itens, do texto fonte devem ser transpostos para o texto alvo, uma vez que nem todos os itens podem ser mantidos. A tradutora alerta que há sempre uma necessidade de estabelecer uma hierarquia de valores que os tradutores devem preservar levando em consideração a relevância dos itens para os leitores, sendo que a relevância depende do contexto, da situação, da cultura.

Neste viés, para auxiliar o tradutor na sua tarefa, teorias sobre tradutologia podem servir como base para amparar, principalmente, em passagens no texto que se fizerem obscuras, que deixam dúvidas sobre o resultado do produto, ou seja, passagens que durante o processo de reverbalização desafiam o tradutor e o levam a procurar outras vias de conduzir o processo de passagem do texto fonte para o traduzido de forma segura, confiante e, acima de tudo, com satisfação de ter cumprido sua tarefa tanto com a obra fonte quanto com o leitor do texto traduzido.

A seguir, apresentamos a teoria de Ritva Leppihalme para traduções de referentes alusivos: estratégias para tradução de alusões que se apresentam como frases-chave, selecionadas para a realização deste estudo.

## **2. Estratégias para Tradução de Alusões de acordo com Ritva Leppihalme**

No seu livro *Culture Bumps: an Empirical Approach to the Translation of Allusions* (1997), Ritva Leppihalme sugere algumas estratégias para tradução de alusões que se apresentam como palavras-chave e nomes próprios. Para o objeto deste estudo apresenta-se, a seguir, as estratégias desenvolvidas pela

pesquisadora que podem auxiliar na tradução de referentes alusivos classificados como palavras-chave.

**a) Tradução Padrão (Standard Translation):** Estratégia para tradução de frases alusivas transculturais, isto é, frases que já estão fixas na cultura de saída e de chegada (como em alusões bíblicas), e também frases que marcam um significativo grau de semelhança lexical. Vejamos dois exemplos, respectivamente:

Ex<sup>1</sup>: Gn.1,1: In the beginning, when God began to create the heaven and the earth. Esta frase aparece mais frequentemente traduzida por: No princípio, Deus criou o céu e a terra.

Ex<sup>2</sup>: My home is my castle. Pode ser transposta como: Meu lar é meu castelo.

**b) Mudanças Mínimas (minimum Change):** Quando tradutor procura por saídas para traduzir determinada alusão, mas não encontrando alguma que fosse satisfatória para sua tradução, decide pela mudança mínima, estando ciente que alguma perda na compreensão da alusão poderá ocorrer, pois, como nos diz Leppihalme (1997, p. 103), a familiaridade da alusão, apesar de sua importância vital para a escolha da estratégia da tradução, é difícil de determinar e, portanto, perdas em tradução são aceitas como inevitáveis em certas situações.

O emprego dessa estratégia, porém, deve ser realizado com cuidado. Poderão ocorrer casos em que o leitor do texto traduzido não consiga realizar associações e interpretações próprias sobre o que foi apenas noticiado no texto que está lendo. Dessa maneira, a oportunidade lhe é negada porque não foi lhe dado suficiente material para tal participação, resultando em uma pseudo-interpretação.

**c) Informações extras adicionadas no texto traduzido (Guidance, external marking):** Esta estratégia diz respeito à adição de informações extras dentro do texto, e marca as maneiras que os escritores, algumas vezes, assinalam alusões: para chamar atenção que uma frase é emprestada e que não é criação deles. As alusões podem ser destacadas com auxílio de marcas tipográficas, itálico, frases introdutórias, entre outros recursos, não necessariamente para detalhar, mas adicionar elementos essenciais presentes no texto fonte. No exemplo abaixo retirado da obra *Drácula*, podemos perceber o uso do itálico e adição de informação extra na tradução:

Ex: (...) which their Berserkers displayed to such feel intent on the seaboard of Europe (...). (STOKER, 2003, p. 36).

(...) o qual os *Berserkers*, guerreiros nórdicos, tão ferozmente representaram nas costas da Europa (...). (STOKER, 2007, p. 47).

**d) Informações adicionais não incluídas no texto (Additional information):** Uso de notas de rodapé, notas finais, prefácio escrito pelo tradutor e outras informações adicionais.

**e) Marcas internas ou simular familiaridade (Internal Marking):** Leppihalme (1997, p. 117) explica que a familiaridade pode, em alguns casos, ser conseguida por meio do uso de frases de uma tradução já existente, como de obras clássicas, consideradas do cânone literário para traduzir uma alusão. A pesquisadora assinala que a tradução pode ser realizada da mesma maneira ou com pequenas modificações que não comprometam a tradução já existente.

Podemos sugerir como exemplo a famosa frase de William Shakespeare (1564-1616) da peça *Hamlet* (1599), Ato III, Cena I: “To be or not to be, that’s the question”, cuja tradução usual para a língua portuguesa se apresenta como: “Ser ou não ser, eis a questão”.

**f) Substituição de uma alusão da língua fonte para uma da língua traduzida (Replacement by a preformed TL item):** A substituição de uma alusão presente no texto fonte para uma alusão da língua de chegada é geralmente tratada como uma estratégia efetiva para tradução, principalmente, quando se trata de provérbios e ditados populares. Esta estratégia transmite uma ideia de conhecimento cultural compartilhado.

**g) Reformulação ou reescritura da alusão (Reduction to sense by rephrasal):** Consiste em reescrever a frase visando encontrar o sentido no texto de chegada para que esta seja compreendida pelos leitores. Isto é, quando a alusão tem pouco ou nenhum significado na cultura alvo (alusões não familiares), o tradutor procura por uma reescrita. Não se trata de encontrar uma maneira criativa de tradução, mas procurar, através da reescritura, transportar o sentido da alusão no texto alvo, ou seja, “[...] um de modo a satisfazer o critério de manutenção do efeito

produzido no texto original, mas na língua de chegada” (TAVARES E LOPES, 2005, p. 82).

**h) Recriação (Re-creation):** Esta estratégia pode ser uma boa saída para quando nos depararmos com elementos problemáticos como, por exemplo, *wordplay* (trocadilhos ou jogo de palavras). Aqui o tradutor toma a liberdade de criar palavras onde não havia nenhuma ou em lugares onde elas existem, mas que não encontra equivalentes para elas. É uma mudança que procura re-criar uma situação, e é também um processo criativo, pois não se trata apenas de re-criar, mas criar, em situações que é difícil de fazer a descrição e mais difícil ainda quando não encontramos equivalentes.

**i) Omissão (Omission):** Pode ser empregada quando a perda pela omissão da alusão é considerada insignificante, ou seja, se a função da alusão no texto não representa grande relevância para a compreensão do mesmo, então a omissão não provocará uma “perda” expressiva. Leppihalme (1997, p. 121) defende que, às vezes, a tradução de uma alusão poderá causar um impacto cultural, então melhor optar pela omissão, se bem que, sublinha a pesquisadora, esta deverá ser uma última opção tradutológica, quando nenhuma outra estratégia for considerada eficiente para atingir os objetivos da tradução.

Com base nas estratégias acima mencionadas, e com o apoio de referencial teórico acerca das alusões selecionadas neste estudo, apresenta-se, a seguir, de forma resumida, dois exemplos de uso das estratégias apontadas por Leppihalme (1997). Os excertos foram selecionados da obra *Drácula* (1897) de Bram Stoker e se tratam de alusões ao texto bíblico.

### 3. Da teoria para a prática.

#### i) Exemplo 1:

“What meant the giving of the crucifix, of the garlic, of the wild rose, of the mountain ash?”<sup>2</sup> (STOKER, 2003, p. 35).

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

“O que significa a virtual imposição do crucifixo, o estranho uso do dente de alho, da rosa silvestre e das cinzas recolhidas na montanha?” (STOKER, 2007, p. 46).

Após uma pesquisa bibliográfica detalhada sobre a alusão às cinzas em uma perspectiva dos estudos bíblicos<sup>3</sup>, passou-se a refletir sobre a possível estratégia empregada pelo tradutor na transposição do excerto selecionado. Concluiu-se que o tradutor optou por uma tradução que se enquadra na estratégia de: **reformulação ou reescritura da alusão**, provavelmente objetivando que, através da carga lírica, as palavras instigassem associações com imagens e/ou acontecimentos, ao lado, também, das suas significações e utilizações usuais.

Na tradição do Cristianismo a montanha tem um papel significativo e é retratada muitas vezes como um lugar de manifestação divina, cenário de importantes e sagrados acontecimentos, como podemos constatar em relatos na Bíblia: O Sermão da Montanha; Jesus subiu a montanha para anunciar as Bem Aventuranças; Abraão foi levado a montanha para oferecer em sacrifício seu primogênito Isaac; as andanças de Elias até a montanha de Deus e ainda foi no monte Sinai onde Moisés recebeu as Tábuas da Lei.

Neste viés, a decisão do tradutor em traduzir a alusão “*of the moutain ash*” através do uso de uma estratégia de tradução, denominada neste estudo, de **Reformulação ou reescritura da alusão**, colaborou para marcar a simbologia da montanha, ao mesmo tempo em que, contribuiu para ressaltar ainda mais a “atmosfera” de medo, de insegurança, de destruição.

Como na obra em estudo, Drácula deixa um rastro de morte por onde passa, a alusão às cinzas, e ainda “as cinzas recolhidas da montanha” pode sinalizar simbologicamente a destruição causada pela personagem e por extensão, recolher as cinzas, como recolher a destruição que “cobre” os caminhos percorridos por Drácula. Drácula faz muitas vítimas por onde passa. Suga a energia vital que mantém um ser vivo, *o sangue*, ao mesmo tempo em que as transforma em seres *Nosferatu*.

A montanha sendo um lugar da “morada de deuses”, de importantes acontecimentos narrados na Bíblia Sagrada, e as cinzas como o resultado de uma

---

<sup>3</sup> Este estudo na sua totalidade pode ser lido na tese TECCHIO, Iliane. **Reflexões sobre a tradução de alusões bíblicas em Drácula de Bram Stoker**. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

destruição causada por fogo, ou por decomposição da matéria através do tempo, a tradução da alusão “e das cinzas recolhidas na montanha”, pode também levar a interpretação de que, como a montanha tem uma representatividade importante para o cristianismo, as cinzas que são recolhidas dela, protegem de mais destruições que possam surgir. Logo, mesmo se valendo de um material morto, a proteção contra o mal, pode ter nas cinzas, seu escudo.

Por mais que não possamos afirmar com precisão qual a intenção do autor em citar um determinado intertexto, o leitor/tradutor pode assumir que o autor quis expressar algo que pode estar implícito e por isso utilizou-se de alusão. O reconhecimento da alusão e a sua associação com um referente dependem da familiaridade com outros textos que são evocados. Logo, é possível alegar que a construção “as cinzas recolhidas da montanha” será reconhecida como uma alusão bíblica por leitores com conhecimento prévio desta obra. Este é um fator importante na tradução e interpretação de alusões para que se consiga extrair o máximo de possibilidades conotativas que um texto é passível de oferecer.

## ii) Exemplo 2

“The blood is the life! The blood is the life!” (STOKER, 2003, p. 152).

“Sangue é vida! Sangue é vida!” (STOKER, 2007, p. 208).

Em se tratando de uma obra sobre um vampiro cujo alimento para sua vida eterna provém do sangue que ele absorve de outros seres vivos, é provável que o leitor espere encontrar alusões a esta substância ao longo da obra, pois “nada define melhor o vampiro que seu relacionamento com o sangue” (MELTON, 2003, p. 712). Logo no início, quando Jonathan Harker chega ao castelo do Conde Drácula, seu anfitrião *enaltece* a importância do sangue quando relata sobre o sangue derramado em campos de batalha e sobre seus descendentes: “We Szekelys have a right to be proud, for in our veins flows the blood of many brave races who fought as the lion fights, for lordship” (STOKER, 2003, p. 37), e na versão traduzida: “Nós, os szekes, temos toda razão de ser orgulhosos, pois em nossas veias corre o sangue de muitas raças bravas, que souberam lutar com fúria de leões na conquista da autoridade”. (STOKER, 2007, p. 47).

A elocução “Sangue é vida, sangue é vida”, que relembra ser uma referência alusiva ao texto bíblico, foi proferida pela personagem Renfield relatada no capítulo XI no diário do Dr. Seward. Esta sentença também é proferida pela mesma personagem mais adiante no capítulo XVIII, fixando-se como um axioma que ecoa no interior da trama.

Sangue, líquido biológico incondicional para sobrevivência dos órgãos dos seres animais e dos seres humanos, que dá *vida*, cuja importância já se observa quando vamos a um consultório médico e um dos mais requisitados exames é justamente o de sangue. Quando em uma contratação trabalhista, lá está ele novamente na lista de exames obrigatórios a serem apresentados para indicar que o empregado está em boas condições de saúde, que não está com alguma doença ou doenças que podem ser diagnosticadas através do sangue, ou seja, que está em plena condição de *vida*. E ainda podemos destacar as expressões: “sangue de barata”, “sangue frio”, “sangue quente”, “sangue azul”, “sangue bom”, “o sangue subiu à cabeça”, “sangue no olho”, entre outras, que refletem a forte carga de magia, de fascínio e até de medo ligada ao sangue; ideias que integram as mais diferentes culturas e religiões e que perduram, em muitos casos, até os dias de hoje.

Neste contexto, a expressão retirada da obra *Drácula*: “Sangue é vida”, relembra ser um referente com uma ligação religiosa, mais especificamente, com a Bíblia Sagrada, pois como pontua Melton (2003, p. 715): “de fato, “Pois o sangue é vida” tem sido a frase bíblica mais citada na literatura vampírica. [...]. O vampiro bebia sangue num desafio direto aos mandamentos bíblicos. Desafiava o sagrado e roubava o que estava destinado somente a Deus”. Da mesma forma, Lee-Medici (2009) acentua que os vampiros surgem como seres do mal que venceram os obstáculos da morte, alimentando-se com o sangue sagrado, de onde extraem a juventude e a eternidade, tornando-se portadores de poderes especiais. Ao conseguir a imortalidade, prossegue o escritor, o vampiro perde as promessas divinas, pois está condenado a ser eternamente um assassino, a matar para comer. Qualquer templo religioso ser-lhe-á negado, e os símbolos, como a cruz, transformar-se-á em armas que o pode vir a castigar, repelir ou até mesmo a matá-lo.

Assim, após a análise/reflexão do excerto “Sangue é vida! Sangue é vida!”, foi possível classificar a escolha da tradução do excerto como o uso de uma **Estratégia**

**Padrão** (*Standard Translation*). Ao assumir que é a escolha da estratégia que determina se o significado sugerido pela intertextualidade pode ser recebida pelos leitores monoculturais do texto traduzido, na posição não só de pesquisadora, mas também no papel de leitora, é possível declarar que a expressão como foi traduzida permitiu o reconhecimento da frase como uma referência alusiva ao texto bíblico. Entretanto, seu reconhecimento, como já pontuado neste estudo, dependerá dos conhecimentos enciclopédicos, literários, do contexto familiar, social, da experiência de vida do leitor, entre outros aspectos.

Voltando ao excerto, ao comparar a citação entre as obras podemos perceber que a tradução do excerto “*The blood is the life! The blood is the life!*” para “Sangue é vida! Sangue é vida!” priorizou a forma mais comumente utilizada em informativos de instituições religiosas, campanhas de doação de sangue (também realizadas em instituições de ensino), institutos de hemocentro, está presente também em redes sociais como o facebook, o linkedin, em sites sobre cinema em blogs diversos, incluindo pessoas comuns que incentivam a doação de sangue, entre outros inúmeros exemplos. A tradução, neste viés, alcançou sua função de cruzar barreiras, feito esse, graças ao trabalho de reflexão tradutológica extra-textual, de uma análise intra-, inter- e extralinguística.

## CONCLUSÃO

As pesquisas bibliográficas que embasaram este estudo e as reflexões acerca das alusões ao texto bíblico presentes na obra *Drácula* de Stoker, permitiram afirmar que, primeiramente, a tarefa de traduzir vai muito além da transposição linguística, e que, estudos linguísticos, históricos, culturais e sobre o ato de traduzir, formam, em síntese, um importante referencial o qual o tradutor pode se apoiar no exercício de verbalização.

Em relação especificamente a utilização de estratégias tradutológicas, estas podem ser justificadas pelo cuidado do tradutor em produzir um texto fluente na língua de chegada, e que aborde os significados profundos ou as funções das alusões no texto fonte o mais possível. O tradutor tem o compromisso de ser um mediador cultural, embora possa apenas supor as reações dos possíveis leitores no entendimento do texto, isso não o exime da obrigação e da responsabilidade para

com eles. O tradutor como medidor da comunicação intercultural precisa estar ciente das necessidades dos leitores, das suas expectativas, e decidir apropriadamente qual estratégia tradutológica utilizar para que os possíveis receptores consigam dialogar com o texto traduzido. Traduções de sucesso como nos diz Leppihalme (1997, p. 197) “são aquelas que concedem aos leitores informações necessárias para que eles participem do processo comunicativo”.

Por fim, gostaríamos de salientar que a caracterização de um referente intertextual como sendo familiar para determinado leitor, não garante que todos os leitores identifiquem a alusão ou realizem a ligação com o referente, ou ainda que formulem interpretações similares. A interpretação de uma alusão, mesmo circunscrita pela mesma temática ou situada no mesmo escopo investigativo, dependerá de diversos fatores ligados às pressuposições, logo: imprevisíveis.

Contudo, acredita-se que este estudo mostrou que é justificável refletir sobre as razões (ou possíveis razões) para a inclusão de determinadas alusões no contexto de um texto literário, implicando seu tratamento tradutológico com base em teorias e procedimentos específicos, como por exemplo, a Teoria da Interpretação, Estudos da Tradução e das Estratégias para Tradução de Alusões.

**Abstract:** This article presents a study about translation strategies to the translation of allusions. First, it is taken the issue of intertextuality and allusion as intertextual references. In the sequence, it is presented the translation strategies for translation of allusions suggested by Ritva Leppihalme (1997) and it is illustrated their applicability in the translation of religious allusions selected from the book *Dracula* (1897) of the Irish writer Bram Stoker. The study showed that, for both, the beginner and the experienced translator, the theoretical knowledge of translation studies can assist in the transposition of certain intertextual elements, contributing, therefore, to avoid a cultural impact and, by extension, support the reader in a deeper understanding of the work.

**Key-words:** Translation. Allusions. Translation strategies.

## Referências

BASSNETT, Susan. **Estudos da Tradução: fundamentos de uma disciplina**. Tradução de Vivina de Campos Figueredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KRISTEVA, Júlia. **Semiótica do Romance**. 2 ed.. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa, Portugal: Arcádia, 1978.

LEE MEDDI, Jeocaz. **Drácula e os Vampiros**. Postado em nov. de 2009. Disponível em <http://migre.me/f72vj>. Acesso em: 15 set. 2012.

LEPPIHALME, Ritva. **Culture bumps: an empirical approach to the translations of allusions**. Great Britain: WBC Book Manufactures LTDA, 1997.

LEVÝ, Jirí. **The Art of Translation**. Translated by Patrick Corness. Philadelphia: Benjamins Translation Library, 2011.

MELTON, J. Gordon. **O Livro dos Vampiros: A Enciclopédia dos Mortos-Vivos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA, 2003.

NIKNASAB, Leila. Translation and Culture: Allusions as Culture Bumps. **Journal of Translation and Interpretation**. Slovak Republic, Vol. 5, n. 1, p. 45 – 54, mar. 2011. Disponível em <http://migre.me/7uGYc>. Acesso em: 15 jun. 2011.

RONAI, Paulo. **A Tradução Vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RUOKONEN, Minna. **Cultural and textual properties in the translation and interpretation of allusions**. Turun Yliopisto University of Turku. Turku: 2010. Disponível em <http://migre.me/7txBS>. Acesso em: 02 abr. 2011.

STOKER, Bram. **Dracula**. Revised edition. Penguin Group: 2003.

\_\_\_\_\_. **Drácula**. Tradução de Theobaldo de Souza. Porto Alegre: LPM, 2007.

TAVARES, Ana Cristina; LOPES, José Manoel. Prolegómenos a um esquema analítico para a crítica de traduções literárias. **Babilônia – Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa: Portugal, n. 2-3, p. 81-90, mar. 2005. Disponível em <http://migre.me/7uHLA>. Acesso em: 12 fev. 2011.

Texto científico recebido em: 23/07/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 31/10/2014

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*  
(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,  
em diversas áreas do conhecimento.